

*Noite, silêncio, folhas imóveis;
imóvel o meu pensamento.
Onde estás, tu que me ofereceste a taça?
Hoje caiu a primeira pétala.*

*Eu sei, uma rosa não murcha
perto de quem tu agora sacias a sede;
mas sentes a falta do prazer que eu soube te dar,
e que te fez desfalecer.*

*Acorda... e olha como o sol em seu regresso
vai apagando as estrelas do campo da noite;
do mesmo modo ele vai desvanecer
as grandes luzes da soberba torre do Sultão.*

Omar Khayyam

Sobre as traduções dos Rubaiyat de Omar Khayyam

Alfredo Braga

Octávio Tarquínio de Souza, Manuel Bandeira, Jamil Almansur Haddad e outros de língua portuguesa, ao se depararem com os Rubaiyat, procuraram fazer as suas traduções através daquelas de Edward Fitzgerald e também sobre as versões francesas como as de Dulac, Grolleau, Toussaint e tantas outras, cada uma com os seus méritos, ou deméritos.

Num ensaio de Borges, onde se aborda a obra poética do persa, ele atribui a Fitzgerald, antes do que a simples tradução, a quase incrível e fantástica “invenção” dos Rubaiyat, e comenta certas ênfases, tanto da época, como as do próprio autor, um erudito cavalheiro que depois de longas viagens por remotos lugares, também procurava impressionar os seus curiosos e pudicos leitores, e leitoras, em seus saraus e salões vitorianos.

Fitzgerald preservou as rimas, mas carregou o texto com exagerados orientalismos e outros estilismos esperados pelos seus contemporâneos; depois os franceses, cada um à sua maneira, foram insinuando os seus maneirismos; e depois os nossos, desde então têm ido, de roldão, repetindo o justo pudor dos tradutores: aquele de se respeitar os “originais”. Mas, no caso dos *Rubaiyat* de Omar Khayyam, depois de novecentos anos, a que originais eles querem se referir? Aos românticos floreios? Aos voleios e volteios de um certo e afetado modo de se escrever “*poeticamente*”? Ora, mas acima de tudo, e antes de mais nada, não seria Khayyam quem nos devia interessar primeiro? Se assim for, será necessário rever os textos em que o persa desenvolve os seus cristalinos enunciados de geometria, ou de álgebra; creio que então íamos compreender melhor a voz desse poeta exageradamente traduzido: pontual, concisa, elegante; e é exatamente o que Borges nos aponta em seu *Rubaiyat*. Repare-se na sobriedade do vocabulário, na simplicidade da construção e do fraseado: É uma cuidadosa “arqueologia” da literatura, é a recuperação, mais do que a mera transcrição, de um modo de ver, de pensar, de dizer. O *Rubaiyat* de Borges é a melhor orientação para se verter Khayyam para outra taça, sem perder o fino buquê, ou a ácida agulha.

Qualquer tradução é uma opinião, e quase nunca é o que pretendia ser; será um reflexo daquilo que o tradutor alcança ver, ou pôde ver. A de Manuel Bandeira não sustenta o rigor e a finura que subsistem nos rubaiyat, à distância de nove séculos e sob a camada de muitas traduções sobrepostas. A adição de regionalismos, como o “*sei não*” (e aquelas reticências...) soa mal, não quadra, é apenas outra redução infeliz. De certo modo prefiro a de Octávio Tarquínio de Sousa: é simples, amorfa, ou ingênua e confusa, mas ainda guarda parte da perplexidade e da lúcida amargura de Khayyam, sem perder o ritmo de ponto e contra ponto entre as metáforas e as imagens.

Um homem erudito e sofisticado, que sabe da assombrosa trajetória dos astros, da pureza da rigorosa geometria e da elegante álgebra, que percebe a inseqüente soberba dos homens sábios (e a dos outros) e caminha entre rosas, tulipas, lindas mulheres e finos vinhos, provavelmente não ia se entregar a tão imponente singeleza para falar do último gesto, daquele “*ato inelutável*” de um outro crepúsculo:

*Cavaleiro que vejo ao longe na neblina
Do crepúsculo, aonde irá? Sei não. Por Vales
E montanhas? Sei não. Estará amanhã*

estendido...

Sobre a terra?... Ou debaixo da terra?... Sei não.

Creio que um Patativa do Assaré, se fosse traduzir Khayyam, havia de achar outras maneiras de recontar aquela mesma inquietação, sem alterar simplicidade por rusticidade. Octávio Tarquínio, durante a sua convalescença, “*entre Cannes e Nice, em vez de decifrar palavras cruzadas*”, preferiu assim:

*Vejo um cavaleiro que se afasta
na bruma da tarde.
Irá ele atravessar florestas,
ou planícies áridas?
Aonde vai? Não sei.
Amanhã estarei deitado
sobre a terra ou debaixo dela?
Não sei.*

Se formos ler os *Rubaiyat*, em qualquer tradução, também encontraremos Pessoa, ou Whitman, que não o traduziram, mas o conheciam. E quando Borges aproxima as “*negras noites e os brancos dias*” do tabuleiro do xadrez, “*rifão de Omar*”, diz ele, talvez em

resposta a este verso do persa: “Somos os peões deste jogo do xadrez que Deus trama”, e a este: “Velho mundo, sob o passo do cavalo branco e negro dos dias e das noites”, Omar Khayyam aflora.

E continua, em outros poetas; está nos dias e nas noites dos setenta e cinco anos de Walt Whitman, que também se estendem até nós, como ele queria, ou quando aquele outro de língua espanhola, ou castelhana, diz: “Neste verão completarei cinqüenta anos; a morte me desgasta, incessante”; Omar tinha escrito: “Os meus cabelos estão brancos, tenho setenta anos de idade”; e isto: “O tempo estraga a minha bela rosa”; e naquele outro árabe, também colhido por Borges, em seu *Museu*, que apesar do reconhecimento e da glória diz: “Oxalá eu tivesse nascido morto.”; essa mesma angústia aparece, de outra maneira, nos versos de Khayyam: “Feliz a criança que expirou ao nascer; mais feliz quem não veio ao mundo.”; e ainda aparece, em outro lugar, com Ricardo Reis:

*Tão cedo passa tudo quanto passa!
Morre tão jovem ante os deuses quanto
Morre! Tudo é tão pouco!
Nada se sabe, tudo se imagina.*

*Circunda-te de rosas, ama, bebe
E cala. O mais é nada.*

Ou esses versos ainda seriam de Omar Khayyam, noutra *Autopsicografia* de Fernando Pessoa?

São vários poetas a falar, em várias épocas, em vários modos, em vários lugares; mas o que têm a dizer, e como dizem, é tão próximo, é como se estivessem juntos, na mesma mesa daquela taverna, ou daquele bar. São esses os poetas que vão traduzindo a poesia. Quando Borges diz que os livros conversam entre si, através dos escritores, não está divagando; o diálogo continua, claro, sereno, até por entre os ruídos das traduções, e da aflita agitação das opiniões, e dos estilos. E seguem, conversando, ao lado de Khayyam e de Shakespeare (*nem mármore, nem áureos monumentos de reis hão de durar mais que estas rimas*) e de outros que, apesar de tudo, “*resistem aos tradutores e aos atores*”... e àqueles portentosos diretores-tradutores mais as suas espantosas “releituras”.



Omar Ibn Ibrahim El Khayyam nasceu em Nichapur, na Pérsia, em 1040 e morreu nessa mesma cidade em 1120.

Khayyam significa, em persa, fabricante de tendas; ele adotou esse nome em memória do pai que era fabricante de tendas.

Além de poeta Omar Khayyam foi matemático e astrônomo. Dos seus livros de ciência chegaram até nós o *Tratado de Algumas Dificuldades das Definições de Euclides* e as *Demonstrações dos problemas de Álgebra*. Em 1074, diretor do Observatório de Merv, fez a reforma do calendário muçulmano.

Rubaiyat é o plural da palavra persa rubai, e quer dizer quadras, quartetos. No rubai, o

primeiro, o segundo e o quarto versos são rimados, o terceiro é branco.

Nesta “tradução”, não mantivemos a rima, nem a métrica “originais”.

Os Rubaiyat



Omar Khayyan

Versão em Português de
Alfredo Braga

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

